

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 números, 15000 réis; 25 números, 500 réis.
 Fora de Aveiro: 50 números, 13125 réis; 25 números,
 570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 nú-
 meros, 25000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Anuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada
 linha, 20 réis; anuncios permanentes, preços convencio-
 nales. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. —
 Redacção e administração, rua do Espirito Santo, 71.

N.º 397

AVEIRO

JOSÉ ESTEVÃO

Approxima-se o momento solemne da população aveirense prestar á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães a homenagem do seu respeito e da sua admiração. Homenagem a que se vem associar o paiz inteiro, n'uma romaria piedosa de fé liberal e crença nos sublimes principios que o grande tribuno defendeu com a penna, com a palavra e com a espada em cem combates heroicos que a historia immortalizou.

José Estevão Coelho de Magalhães é uma das grandes figuras da patria. O seu vulto gigante sobreleva os pequenos limites da terra que lhe deu o berço. Quer encerra-lo aqui, festeja-lo apenas como filho da terra em que nasceu, seria uma monstruosidade social e historica e uma demonstração flagrante da ignorancia e falta de senso do povo de Aveiro.

A gloria nossa, dos seus conterraneos, dos seus irmãos em origem e raça está exactamente no pólo opposto. Está no valente soldado da serra do Pilar, que na *Flecha dos Mortos* assignalou a mais famosa bravura e a mais imponente coragem d'um homem. Está no *setembrista* e no *patuleia* impenitente, que em todas as revoluções e luctas populares affirmou continuamente a indignação d'um espirito generoso e livre contra as oppressões e as fraudes d'uma monarchia que renegava e repellia sem pejo as aspirações democraticas com que a tinham erguido os bacamartes d'um povo cavalheiro e nobre. Está no *charliota de Porto Pireu* e do *Charles et George*, que em torrentes d'eloquencia vingava a nação affrontada das expolições e insultos dos negociantes britanicos e dos negreiros napolitanicos. Está no ardente democrata da *Suspensão das Garantias* e das *Exequias do conde Cavour*. Está, emfim, no anti-clerical, no grão mestre da maçonaria portugueza, no auctor dos famosos discursos contra as irmãs da caridade.

O homem, que de tal forma attestava uma tão funda abnegação, um tão firme desprendimento, uma fé tão viva na democracia, uma dedicação tão rara á causa do povo, junto com um talento extraordinario, era um aveirense. Isto é, não attestava simplesmente as suas qualidades pessoais, porque, assim como scientificamente as arvores de melhores qualidades dão melhores frutos, assim scientificamente são as raças fortes que produzem os homens fortes. José Estevão era o prototypo da sua raça e da sua terra.

Eis a nossa gloria, eis a honra que nos cabe!

Se o povo aveirense esquecesse este facto para festejar em José Estevão simplesmente o auctor do lyceu e da estação do caminho de ferro, daria ao mundo liberal e pensante uma triste idéa da sua evolução sociologica. E o momento historico da sua existencia nas gerações que vão cor-

rendo ficaria eternamente coberto de luto!

Sim, nós devemos a José Estevão beneficios locais, e isso é muito. Mas, se fôra só isso, a memoria de José Estevão ficaria encerrada e respeitada de S. Bernardo e de Esgueira para cá. E nós teriamos de levantar amanhã, por entre as gargalhadas geraes da nação, um monumento em cada recanto d'esta terra a cada cidadão aveirense que nos houvesse dado um campanario para cada freguezia e um chafariz para cada estrada.

Isso engrandece, mas póde não honrar uma terra. Porque a febre dos melhoramentos locais, quando excedam os limites do necessario e justo, limites que nós aliaz não tocámos ainda, póde representar um grande egoismo. E o egoismo n'esse sentido, quando mira por systema ao engrandecimento proprio com desprezo das necessidades alheias, é sempre lamentavel e sempre condemnavel.

Não; a nossa gloria não é essa. A nossa gloria é José Estevão soldado, orador, jornalista, advogado e professor. E José Estevão combatendo pela liberdade, defendendo a causa do povo, advogando a civilização e o progresso, aplanando-nos, com uma heroica dedicação, com uma abnegação exemplarissima, com uma rara tenacidade e firmeza, a estrada em que vamos marchando para melhores conquistas e melhores ideaes.

E' esse que o povo d'esta terra ha de victoriar e acclamar no dia 12 de agosto.

O sr. Dias Ferreira foi o primeiro que se apromptou para vir falar ao sarau.

Nós que conhecemos este grande maganão...

Se fosse para fazer alguma coisa d'util e necessario á terra, ou para defender os nossos direitos espinhados, era uma vez Dias Ferreira.

Como não ha trabalho... tudo vae n'um sino.

Ora erga v. ex.^a as mãos ao céu por vir cá na occasião em que vem. Se fôra n'outra occasião... apostar em como v. ex.^a não tinha vontade de cá voltar?

Experimente, se quizer.

Uma escovadela

Teriamos conversa larga para mostrar completamente, e em todos os ramos da arte, a ignorancia profunda do sr. João Romão e dos escamadores de besugos que o cercam. O que nos falta dizer daria para repetidos e substanciosos artigos ou para um volume de tamanho regular. Mas é urgente pôr ponto na lição, embora fiquem camadas de pó nas casacas que nos propozemos escovar, porque temos mais que fazer e o publico não necessitará de novas preleções para se convencer da insignificancia dos nossos antagonistas.

Vimos que o sr. João Romão não tinha auctoridade critica, não tinha genio artistico, não tinha

gosto esthetico, e nem sequer possuia uma completa noção de perspectiva. Hoje continuamos vendo a ausencia de conhecimentos em s. s.^a, a sua falta d'illustração, de ponto de vista, d'ideal e de sentimento artistico. E, depois de tudo isso, bem póde o illustre professor penitenciar-se duramente das suas intimidades com o Doce Maria do firmimismo indigena e da sua solidariedade com os amanuenses das obras publicas ou rapioqueiros de café de lepes.

Não se esqueça s. s.^a do que lhe dissémos no primeiro artigo: «as fibras nervosas não gosam da mesma excitabilidade em todos os homens.» O Doce Maria tem as suas sensações especiaes. Os rapioqueiros teem outras. As nossas são diferentes d'umas e de outras. A' estatua de José Estevão falta-lhe a attracção do nú, como nas, aliaz bellas e formosissimas no seu conjunto esthetico, estatuas da Grecia e Roma. O rapazola, que escreveu por conta do illustre professor de desenho no lyceu de Aveiro, não póde gostar d'ella! E' uma *questão physiologica*. Como d'ella não podem gostar os rapioqueiros de vintem desde que o sr. João Romão não aproveitou as proporções desconformes do pedestal para lhe cavar... um retiro de pacatos com loiro á porta!

Ora pois.

S. s.^a não percebe, então, a differença que haja entre perspectiva linear e perspectiva aerea. S. s.^a não percebe, então, consequencia logica, o que seja *ponto de vista*, *ponto de distancia* e *ponto accidental*. S. s.^a não percebe, então, outra consequencia logica, as theorias da luz, da proporção, da *pose*, da projecção, da symetria, da harmonia, etc. S. s.^a não tem nenhum dos conhecimentos anatomicos necessarios a quem quer criticar ou saber estatuar. Para que veio s. s.^a esgrimir d'esporas e botas, e chanfalho guerreiro, contra quem tem da de alguns provas de que sabe o que diz e *diz o que sabe?*

Não é debaixo dos Balcões, sr. professor, com a burriedade da terra, com esses de quem disse um poeta:

Inutiles, épars, ils traient ici-bas
 Le sombre accablement d'être en ne
 pensant pas;

esses de quem Henry Jouin acrescentou

La statue n'est pas faite pour ceux-lá;

não é debaixo dos Balcões que se é auctoridade e competencia. E' onde todo o mundo nos ouça e nos veja.

A estatua não é para esses, como dizia Jouin. E' para quem sabe o que diz e o que faz. Quem não sabe uma coisa nem outra póde berrar e póde escoicear, que sein duvida achará desculpa n'aquella circumstancia, verha como Adão, da imgenstancia, selha muito atrevida. Mas se teem desculpa, em compensação, ou por isso mesmo que a teem, ninguém os vê nem ninguém os ouve. Não produzem *effeito*.

Effeito, em significação artistica, é a energia e a belleza, resultado optico das combinações accidentaes, ou das provenientes de

calculos bem pensados, quer das linhas, quer dos tons claros ou escuros. Ora a estatua de José Estevão é primeiramente grande, de proporções acima do natural, por que a polencia que constitue um erro para a pequena Praça do municipio, obrigou o estatuario a dar-lhe essas proporções. Voltada para a Costeira, abafaria o espectador com a sua projecção, porque ninguém admite, sem ridiculo, que este a pudesse contemplar do meio da rua ou encostado ás paredes da casa do Rezende. E nem mesmo d'ahi produziria o seu *effeito*.

Da Praça, o espectador seria para a estatua como o anãozinho dos assobios para o gigante de Salamanca. Poder-lhe-hia admirar um pé, um braço, a aba da casaca ou uma perna. Poderia, quando muito, representa-la por traços. E' a primeira parte do desenho, a unica que o sr. Romão talvez saiba, a sciencia graphica, a perspectiva linear. Representar a figura humana seria inteiramente impossivel.

Depois, a estatua, independente do seu tamanho, tem a consideração a sua attitude. Se esta attitude não é propriamente a instavel de que fala Henry Jouin na sua *Esthétique du Sculpteur*, muito menos é a attitude immovel do *Demosthenes* do museu de Louvre, do *Marcello* do museu Chiaramonti, do *Augusto* do museu Borbonico, da *Agripina* do Capitolio e da *Faustina* da Galeria de Florença. E' muito mais a attitude do general lançando aos soldados uma proclamação ardente ou apontando-lhe os baluartes com a ponta da espada, do que a attitude parada e reflectida do pensador profundo. O gesto é largo, a vida é animada, a fronte illumina-se-lhe n'um impeto d'eloquencia, o corpo inclina-se-lhe para a frente fulminando o adversario n'uma apostrophe viril e energica. O conjunto é movimentado, todo elle um jogo frisante de musculatura e expressão. Se é tão difficil arrancar ao bronze a significação da alma humana, o tom expressivo do rosto, o ar enrugado da fronte, os estremecimentos da paixão, se é tão difficil dar vida e alento a um bocado de marmore ou a uma rude massa metallica, quem é o barbaro ou o brutamontes que queria inutilisar um trabalho d'essa natureza com um ponto de vista impossivel que lhe não desse relevo nem alma? Collocae um homem d'aquella estatura falando com a grande eloquencia d'um grande tribuno em cima d'aquella pedestal. E veremos se vós, cavalgaduras que andaes por ahi assustando com as patas os transeuntes pacificos, ireis instinctivamente ouvi-lo e vê-lo das grades da Costeira ou da rua que passa em frente do Municipio. Eliminae a razão e deixae obrar o vosso instincto. Que, para vós, pensar é morrer.

Além d'isso, a luz não desempenha o sr. Romão e os seus partidarios não sabem, sem duvida, que é tão importante esse grande elemento, não só da arte como da propria vida, que até Rubens lhe dedicou um livro:

De lumine et colore. Que Ticiano, Paulo Veronese, Rembrandt e todos os pintores celebres, principalmente os da escola flamenga, prestaram ao mesmo assumpto os maximos cuidados e atenções. Não sabem. Não sabem que as formas reaes dos corpos e as suas posições respectivas, as suas modificações d'apparencia, a sua saliencia ou disfarce não proveem só do ponto de vista tomado quanto á distancia do objecto. Mas muito tambem da quantidade e incidencia de luz que ha sobre este, e que representam um valor notavel para a sua comprehensão esthetica. Se o soubessem, como a estatua de José Estevão voltada para a Costeira apañaria incontestavelmente muito menos luz do que voltada para o Municipio, talvez este fosse um dos factos que conseguisse alterar as suas erroneas opiniões.

Mas se para elles pensar é morrer!...

A esse respeito diz o illustre Eugenio Véron no seu muito apreciado livro—*A Esthetica*:

«Os antigos gregos tinham um cuidado especial em adaptar as estatuas ás condições das praças publicas. Tomavam em linha de conta a intensidade e a direcção da luz, comprehendendo que uma estatua esclarecida directamente pelos raios do sol deve ter melhor apparencia do que se fosse simplesmente esclarecida por reflexão. Não foram elles, sem duvida, que sustentaram a theoria, tão commoda como anti-artistica, da forma absoluta opposta á contingencia da côr e que empregaram este absurdo para justificar o desdem da luz e do colorido. Os gregos, em contrario ás doutrinas e ás afirmações dos que se julgam seus discipulos e seus interpretes, porque vão a reboque do seculo XVII que collocava Athenas nas margens do Tibre, os gregos acreditavam que a luz modifica a apparencia das formas e pretendiam que a execução d'uma obra escultural deve ser calculada pelo grau de luz que tem a receber.»

Se o sr. Romão e os seus amigos soubessem mais que o frontão do Pantheon de Paris, obra monumental do grande escultor David d'Angers, ficou sempre comprometido e foi vivamente criticado enquanto não foi visto á distancia conveniente, se soubessem o que Pierre Petroz diz no seu livro *L'Art et La Critique en France*, não só modificariam as suas erroneas opiniões, como teriam vergonha do que teem dicto e do que teem feito por ahi. Mas, tirando d'assentar as costuras pelas esquinas e lojas dos Balcões, que mais sabem e desgraçadamente que mais valem s. s.^{as}?

Eis as palavras de Pierre Petroz:

«Teem-se esquecido muitos artistas do nosso tempo de que se não póde conceber e executar um pedaço d'esculptura, destinado a ser visto em pleno ar, a uma grande altura, como se concebe e executa para ser collocado n'um nicho ou a pequena distancia da

vista do espectador. A esculptura monumental tem exigencias que lhe são proprias. A exaggeração de certas partes e o sacrificio d'outras é tão necessario e mesmo mais necessario que qualquer outro ramo da arte. Comtante que essas exaggerações e esses sacrificios tenham por fim concorrer, não tanto para a belleza d'esta ou d'aquella fórma como para a belleza do effeito geral.»

Por conseguinte, encarada a questão por este lado, todos os principios e regras da arte impunham que a estatua de José Estevão tivesse a frente para os Paços do Concelho.

Pelo lado moral, tão attendido em circumstancias d'estas, o erro dos romanistas ainda é mais flagrante. Com a differença de que se em alguma coisa a sua ignorancia pode ter desculpa, aqui não tem desculpa nenhuma. A estatua de Gutenberg, em Paris, está collocada na imprensa nacional. A estatua de Joanna d'Arc, na Praça das Pyramides, volta a frente para os baluartes da grande cidade que a *pucelle* d'Orléans disputou aos inglezes. A estatua equestre de Henrique IV ergue-se na Ponte Nova, obra sua, onde Luiz XVIII mais tarde a mandou restabelecer. A estatua de Molière ergue-se quasi em frente da casa, na rua Richilieu, onde o grande homem morreu; a do abade d'Epée no instituto dos surdos-mudos, que elle creou; a de Malesherbes e a de Verryer, os dois famosos advogados, no palacio da justiça; a de Pinel, o celebre alienista, no hospital de la Salpêtrière; a de Moncey, o heroico defensor de Paris, na praça de Chichy, olhando os baluartes que o valente soldado immortalizou; a do marechal Ney no proprio sitio onde a ferocidade monarchica lhe tirou a vida por meio do fusilamento. E assim por diante com todas as outras estatuas de Paris e com as de todas as cidades do mundo. Todas ellas são collocadas em sitios que lembrem os individuos que ellas representam e voltadas para qualquer lado de significação na vida d'esses individuos.

Para onde se havia de voltar a estatua de José Estevão, elle que tanto se distinguiu pelo amor da sua patria, senão para o Municipio, que é a patria mesmo? Para onde, senão para a casa que mais lembra a sua vida, que mais representa as suas tradições, embora a sua viuva não quizesse desperdiçar as mealhas da sua mesa opulenta em conservar a melhor recordação do seu marido illustre?

O sr. Romão ou endoideceu ou traz o espirito obsecado por uma vaidade ridicula e mesquinha. Tão desgraçadamente s. s.ª se collocou n'esta desgraçada questão! Seja como fór, parecemos ter dicto o bastante para que s. s.ª adquira o juizo perdido ou perca a vaidade mofina que tão desastrosa lhe é.

Pelos outros, por toda essa malta de cavalgadas que escolheiam o senso commum e por todos os garotos amigos do sr. Romão, seria tempo perdido e papel mal gasto se pensassemos em os convencer, tanto como bico de bota inutilmente esmurra-do se cahissemos na asneira de castigar os ultimos com dois pontapés.

Quanto mais a podridão se ostenta ao ar livre, tanto mais depressa se evapora e perde.

Pede-se ao sr. governador civil que tome as providencias necessarias, como ainda ha pouco fez o prefeito do Sena, em Paris, para que as casas de venda e outros negociantes de Aveiro não abusem das circumstancias, ou ao menos não abusem muito escandalosamente, arrancando a pelle aos visitantes da cidade por occasião dos festejos de José Estevão. S. ex.ª ha de concordar que se não podem permittir abusos que degenerem em roubos.

Tambem se pede ao sr. commissario de policia que dê ordens aos seus subordinados para não consentirem certas vergonhas pelas ruas. Ainda no dia de S. Thomé nós encontramos ás 8 horas da noite, em plena rua Direita, um homemsinho e uma mulhersinha entoando canções indecentissimas.

Olhem que belleza, para quem vier a Aveiro poder apreciar o nosso grau de civilização!

Esquadra ou cadeia com esses indecentes.

ARRE, PULHAS!

A sentina da Vera Cruz, que está sendo um foco perigosissimo para a saude publica, continua exhalando miasmas deletorios.

Eis o ultimo vapor que vem d'alli:

«Um jornal republicano de Lisboa, dizia ha dias que Aveiro erguia um monumento a José Estevão, porque elle foi republicano e odiado da corte.

Chamar republicano a José Estevão é a suprema injuria e a maior affronta que pôde dirigir-se-lhe.

José Estevão foi sempre monarchico, filiando-se ultimamente no campo progressista. Disse-o elle bem alto no seio do parlamento, e isso não pôde negal-o nenhum Analide de qualquer especie. E se o monumento que ahi se está levantando não significasse um testemunho de respeito á sua memoria e uma generosidade de uma terra a quem elle legou tres obras importantes, nem as festas teriam o caracter que teem, nem mesmo a estatua chegaria a levantar-se.

A estatua foi fundida á custa do governo, com material dado pelo governo e n'um estabelecimento do governo, e para isso trabalhou, mais do que ninguém, o sr. conselheiro Manuel Firmino, que foi quem pediu e obteve do sr. José Luciano de Castro, então como agora, ministro do reino, o bronze para ella.

Esta é que é a verdade. O monumento a José Estevão é feito pela cidade, e não por um grupo que ninguém vê e ninguém conhece n'esta terra.»

Não admira coisa nenhuma que saia d'aquella caverna de malandros. Os ladrões estão definidos de sobejo na consciencia publica. Todavia, vão sempre os leitores reparando na degradação d'aquellas almas sujas.

Ninguém deu, nem pretende dar ás festas de José Estevão senão o caracter que ellas teem, caracter sim profundamente democratico, porque assim o mandam a vida e as obras do grande tribuno, mas entretanto sem côr essencialmente republicana. Todos os liberaes e todos os democratas, que colloquem acima de tudo o amor do progresso e da civilização, podem afoitamente tomar parte n'ellas sem melindre para as suas opiniões. Nem sabemos de nenhum jornal republicano que escrevesse o contrario. Dizerem-nos os malandros que chamar republicano a José Estevão é a suprema injuria e a maior affronta que podia dirigir-se-lhe, quando José Estevão declarava no primeiro discurso da sua vida, em 5 d'abril de 1837, que o nome republicano não tinha fealdade nenhuma; quando n'esse discurso José Estevão não fez senão affirmar os principios republicanos, embora a força das circumstancias o obrigassem a declarar-se monarchico; quando José Estevão foi dos que energicamente se pronunciaram a favor da republica no momento em que na revolução da patuleia o throno dos braganças esteve prestes a desabar; quando sabem todos os pensadores que José Estevão fazia a ultima experiencia da monarchia, na

ocasião de morrer, com o seu partido novo, que lhe deixava dois unicos caminhos abertos, que elle perfeitamente prevêra e viu, ou a sua subida ao poder onde queria applicar as suas reformas liberaes, que foram a aspiração de toda a sua vida, ou a sua exclusão systematica das cadeiras do poder e a opposição do throno ás suas aspirações e n'esse caso o grande tribuno constituiria o partido republicano; dizerem-nos isso os malandros e accrescentarem que o grande orador fóra progressista, como querendo para esse baulalismo que com tal nome existe ahi no paiz a gloria d'aquella talento, sem se lembrarem de que José Estevão, embora combatesse hoje ao lado d'estes e amanhã ao lado d'aquelles, no interesse sagrado dos seus ideaes, foi sempre d'um unico partido, que era o partido da democracia portugueza, e que quando fosse progressista havia tanta differença entre o progressismo d'elle e o d'esses bandalhos que dominam hoje a nação das regiões do poder, como ha entre a religião do Papa e a religião de Victor Hugo; dizerem-nos, repetimos, essas pataratices e accrescentarem-lhes as infamias proprias d'aquelles carvoeiros da vida social e politica da nossa terra, seria profundamente ridiculo se não fosse profundamente nojento.

José Estevão foi monarchico pelo mesmo motivo porque o foram os homens da sua escola, porque o foram os seus collaborados uns, os seus amigos e discipulos outros, taes como José Maria Latino Coelho, José Elias Garcia, Oliveira Marreca, Souza Brandão, Rodrigues de Freitas etc. Foi monarchico, como estes homens foram, porque nem elle nem estes podiam ser outra coisa na evolução politica e social do paiz. Foram monarchicos, porque assim o pediam e queriam as circumstancias e as condições nacionaes, embora as aspirações e os ideaes d'elles todos fossem, como em tudo revelaram que o eram, profundamente republicanos. Porque não estava feita a prova da monarchia, e era preciso esperar que ella se fizesse, para desengano das massas. Porque o estado da Europa não tornava viavel, e nem sequer admissivel, um partido republicano em Portugal, com a organização e as condições de grande partido. Permittia simplesmente as aspirações individuaes, como as de José Estevão, as de Latino, as de Henriques Nogueira, as d'Oliveira Marreca, as d'Elias Garcia e tantos outros. Mas assim como estes seguiram os impulsos do seu temperamento e a corrente das suas opiniões constituindo o partido republicano no momento historico adequado, assim José Estevão, que tantas provas deu do seu rijo caracter e das suas fundas convicções democraticas, assim José Estevão, que sabia mais olhar para a patria e para as tradições do seu nome glorioso que para os seus interesses de barriga, assim José Estevão, que nunca viveu de lisonjas, nem de hypocrisias, teria sido, fatal e necessariamente, se o veneno dos conservadores lhe não cortasse a existencia, o membro mais glorioso do glorioso partido em que nos honramos de militar. Foi por isso mesmo, porque essa evolução estava prevista por todos, que o *Campeão das Provincias*, o *jornal dos canaihas*, o cobriu de calumnias e de nomes infamantes e torpes. E' por isso que o *Campeão das Provincias*, o *jornal dos ladrões*, ainda hoje não occulta o odio que nutre por aquelle grande espirito. E' por isso mesmo que o *Campeão das Provincias*, o *orgão da companhia dos malandros*, declara n'essa mesma local a que nos estamos referindo que o monumento a José Estevão significa apenas a generosidade d'uma terra por tres obras importantes que lhe déram. E' por isso que o *Cam-*

peão das Provincias, *barril de todas as infamias d'esta cidade*, não quer que o monumento de José Estevão, em vez da generosidade d'um povo por tres melhoramentos quaesquer de simples importancia local, generosidade que seria o opprobrio dos aveirenses honrados, seja antes um documento brilhantissimo e grande da elevação de sentimentos e d'espirito da patria do grande athleta da liberdade, do grande orador da democracia portugueza. E é por isso mesmo que nós, republicanos, sem darmos ás festas nenhum caracter especial do nosso partido, festejamos, entretanto, em José Estevão Coelho de Magalhães o precursor dos nossos ideaes, o S. João Baptista das nossas doutrinas purissimas, a voz potente que seria hoje, se visse, o melhor sustentaculo da nossa fé e o melhor campeão da nossa causa honrada.

Ficave-o sabendo, miseraveis! De resto, os ladrões que chamaram a José Estevão quantos nomes indignos o seu vocabulario porco lhes forneceu, são os mesmos ladrões que depois de terem subscripto para o monumento e de não terem pago a respectiva quota, isto é, depois de terem roubado, como roubam toda a gente, a benemerita commissão da estatua, se arrogam agora o merito unico de terem erguido esta. São os mesmos ladrões que tendo publicado a local que se lê no principio d'este artigo, local onde se diz que se não fóra a generosidade de Aveiro nunca a estatua se chegaria a levantar, insinuando assim que é por mera condescendencia e favor ao grande tribuno que tal emprehendimento se realisa, repudiavam a mesma local pelo nojo que ella levantou na opinião publica. São os mesmos ladrões e os mesmos canaihas que foram toda a vida!

E dizem que ninguém vê e ninguém conhece o grupo republicano em Aveiro. Ah! não o conhecereis vós pelas garras com que vos arrancou a pelle na praça publica! Não o visseis vós pela valentia com que vos fez engulir irmãs da caridade com forquetas e tulo.

E quando ninguém o visse e ninguém o conhecesse seria, talvez, por nenhum dos seus membros ter caloteado a commissão do monumento, nem feito em volta de seus nomes o ruido de escandalo e patifarias que teem feito em volta dos seus os eximios malandros da quadrilha da Vera Cruz.

Arre, pulhas...

Taes são uns como são outros.

Isto é velho e revelho. Consta-nos que se pretende introduzir no hospital um enfermeiro que sahiu de lá em condições que lhe não permittem voltar.

Ora como as contas a ajnstar com os srs. regeneradores são muitas, principiaremos por aqui, se quizerem.

O Sr. Visconde!

Começa hoje o sr. visconde. Eis o requerimento, que é um documento para os da ciencia e os profanos admirarem, que o illustre fidalgo fez contra as nossas humilissimas pessoas:

«Diz o Visconde da Silva Mello, casado, proprietario, d'esta cidade de Aveiro, que foi injuriado no jornal denominado *Povo de Aveiro*, que se publica n'esta cidade, porque no mesmo, que tem o n.º 393 e que tem a data de 30 de junho do corrente anno, vem um artigo a paginas 1.ª e 2.ª, sob a epigraphe «Porcalhoto — Cara Feia — ou Miolo Secco», que principia pelas palavras «Se d'alguma

coisa não nos temos arrependido...» e termina pelas «Elle ahi fica» — em que se offende o supplicante com os nomes de conde da Porcalhota, visconde Cara-feia e Miolo-secco, insignificante, tolo, pedante, bruto e outros, e nomeadamente dizendo que «valem mais nas solas dos pés alguns operarios que constituem a *Troupe Dramatica* que o visconde da Silva Mello (que é elle supplicante) no seu fidalgo bestunto» — terminando por o injuriar com os nomes de insignificante, charlatão, e dizendo que «um insignificante d'estes (referindo-se ao supplicante) se lança com dois pontapés ao desprezo publico, que é o melhor castigo que merece.» — Pretende o supplicante fazer punir correccionalmente o auctor de tal artigo como incurso na pena dos art.ºs 407 e 410 doCodigo Penal, pelo que requer a V. Ex.ª se digne mandar citar Faustino Alves, casado, carpinteiro, natural da freguezia da Sé de Lamego, mas residente ha annos n'esta cidade d'Aveiro, editor responsavel do referido jornal, para apresentar o autographo d'aquelle artigo dentro do prazo de 24 horas, sob pena de se entender que do mesmo acceta a responsabilidade para todos os effeitos legaes; e bem assim requer que se proceda a corpo de delicto directo por meio de peritos no dito artigo, e a corpo de delicto indirecto com as testemunhas abaixo indicadas, pelas quaes se provará que o dito jornal *Povo de Aveiro* se publica n'esta cidade; que n'esta são distribuidos mais de 5 exemplares; e que para fóra da cidade são remittidos pelo correio mais de 40 exemplares. Pede a V. Ex.ª, M. Sr. Juiz de Direito se digne deferir. Testemunhas: Manuel Maria Augusto dos Santos, casado, distribuidor do correio; Francisco de Souza Marques, idem; José Maria de Carvalho Junior, idem. Todos d'Aveiro. — (Adjuta-se o jornal referido.) — O advogado, João Mendes Correia da Rocha.»

E nomeadamente por termos dicto que valem mais nas solas dos pés alguns operarios que constituem a *Troupe Dramatica* que o visconde da Silva Mello no seu fidalgo bestunto!

Vale um mundo. Bem. Começou s. ex.ª. Começaremos nós tambem.

Hoje não ha espaço para mais.

Teremos occasião de perguntar n'um dos proximos numeros o que tem feito a camara municipal, ou esse benemerito e illustre cidadão que se chama Manuel Firmino d'Almeida Maia, a respeito de festejos para a inauguração da estatua. Elle, porque elle é ella, devia illuminar a ria. Não quiz illuminar a ria! Elle devia, por meio de grandes barracões de madeira convenientemente preparados, a exemplo do que fazem no estrangeiro certas municipalidades, arranjar accomodações, senão para todos, ao menos para muitissimos dos visitantes. Ganhava a cidade e ganhava a propria camara, se elle não entregasse os barracões á companhia dos malandros. Elle não fez nada. E, por fim, parece que nem ao menos o Largo Municipal mandará illuminar com a grandeza que o acto reclama!

Eis o benemerito.

AVEIRO E JOSÉ ESTEVÃO

Sob este titulo encontramos com prazer o seguinte artigo no nosso estimado collega—*O Povo*, de Chaves:

«No proximo mez de agosto realizar-se-hão festas em Aveiro em homenagem ao grande homem portuguez, José Estevão Coelho de Magalhães.

Foi José Estevão, um grande vulto na politica; um grande orador; um prestavel cidadão, e sobretudo um grande liberal. Foi elle quem de entre os muitos homens que tem succumbido na lucta dos partidos, mais corajosamente defendeu os direitos de Portugal; foi elle, quem, n'estes ultimos tempos sustentou um combate renhido, um combate verdadeiramente titanico, contra esta grossa legião de reaccionarios que infestam o paiz, levando-os de vencida; foi elle, quem talvez, no presente seculo, deu no nosso clericalismo o golpe mais profundo, golpe, cuja ferida ainda hoje se vê no corpo que a recebeu:—Não se cicatriza.

Depois da morte do grande homem de quem fallamos, em Lisboa levantou-se uma pequena estatua, como testemunho de consideração pelo proeminente vulto do parlamento portuguez: mas isso não bastava.

O singello monumento que se ergue frente ao palacio de S. Bento, apenas nos diz alguma coisa do muito respeito que a José Estevão consagravam alguns amigos; falta alli um cunho de maior validade, a homenagem nacional. Aquelle monumento modesto até á pobreza, quasi que deixa o grande patriota votado ao esquecimento. Merece mais que aquella pequena estatua.

Aveiro, sua patria, comprehendendo o dever que tinha para com um filho illustre, convocou todos os auxilios da nação; recordou que José Estevão não era mais n'uma cidade nem menos n'outra: era do paiz inteiro, e erigiu-lhe uma estatua, que em breve vai ser inaugurada no meio de estrondosos festejos. Representam estes, para as nações cultas, a apothose do imminente politico.

Ha um facto que caracteriza bem, entre outros o patriotismo dos aveirenses:—não consentirem o inaugurar-se a estatua, e o realizarem-se festas puramente populares, que seguir-se-hão ao descobrir o monumento, sem que o governo decretasse a sahida d'ali das irmãs da caridade, raça de mulheres hypocritas que ajudadas pelo jesuitismo, corrompem as consciencias infantis.

Aveiro, sentinella do oceano, ensina ás outras cidades como se paga com gratidão aquelles que sabem levantar bem alto, o prestigio da terra que os viu nascer.

Aveiro, orgulha-to! a ti pertencem aquellas sublimes palavras de Camões:

«Ditosa patria que tal filho teve.»

NOTICIARIO

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Está aberto concurso, por espaço de 30 dias, para o provimento dos lugares de enfermeiro e enfermeira do hospital da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade.

Reunio no domingo a assembleia geral da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, a fim de lhe serem presentes as respectivas contas e proceder-se á eleição da nova direcção.

Depois de approvadas as contas fez-se a eleição, dando o seguinte resultado:

Assembleia geral—Presidente, Francisco de Pinho Guedes Pinto; vice-presidente, Antonio Augusto de Souza Maia; 1.º secretario, Antonio Baptista dos Santos; 2.º dito, João Cunha.

Direcção—Presidente, José Pinheiro Nobre; vice-presidente, João Pereira Pinheiro; thesoureiro, José Gonçalves Gamellas; secretario, Arthur Paes.

Vogaes—José Marques d'Almeida, Abel Paes, Leovegildo Ma-

thias de Mello, João da Silva Santos, Manuel de Lemos Senior, Roque Ferreira Jorge.

Commissão fiscal—José Antonio Pereira da Cruz, José Vieira Guimarães, Antonio de Souza, Caetano Joaquim d'Azevedo.

Morreu em Cincinnati, com 37 annos, o velho cavallo de batalha do general Bukland.

Fizeram-se funeraes, com as honras militares, e com a assistencia de todos os antigos combatentes da guerra da successão.

Não é para espantar—commenta a *Democracia*—que se fizessem honras funebres a um cavallo; tambem se venera e adora n'um altar da igreja de S. Bento dos frades a mula em que Nossa Senhora está montada simulando a fuga para o Egypto!...

Da verba de 2:700 contos que o parlamento votou para melhoramentos dos quartéis militares, deve ser applicada a quantia de 30:000\$000 réis para a conclusão do quartel de cavallaria 10, em Aveiro.

Informa um collega de que nem menos de 196 individuos vão a Pariz á custa do thesouro publico, a pretexto de prestarem serviços diversos e afinal só para se divertirem.

Temos, pois, que se a cada um d'esses felizardos o governo dêr em média 4 libras por dia, gastam-se com esta brincadeira 784 libras por dia, ou 3:528\$000 réis.

E se esta orgia durar 30 dias, dispenderá o paiz 105 contos com esta patuscada!

Mas ha mais:

Annuncia-se tambem a ida a Pariz do principe D. Carlos e sua esposa, viajando incognitos. Já se deixa ver que a passeiada d'estas régias pessoas é tambem paga pelos cofres publicos e quanto ao incognito não passa de uma cantata já muito estafada. Suas altezas não de gozar bem e esbanjar á larga...

E no fim de contas o pobre do Zé é que paga todas estas borçgas e no resto ainda dá vivas... Se elle não quer ter juizo...

Foram ordenados alguns reparos na ponte da Gafanha, que se acha bastante deteriorada.

Foi já requerido á camara municipal de Lisboa a concessão de terrenos no sitio do Valle de Peireiro para a construcção da torre do systema Eiffel, que terá a denominação de *Torre Vasco da Gama*, tendo a altura de 150 metros.

A inauguração realisar-se-ha por occasião de se celebrar o centenario da descoberta do caminho para a India.

Consta que vai apostar um padre de Guimarães, para desposar uma dama da elite vimarense.

Lê-se n'um jornal de Pariz: «Um grupo de legitimistas francezes entabolou correspondencia com o Vaticano para que Luiz XVI seja canonisado.»

Coitado, não lhe bastava a guilhotina!

Em Hespanha dêram-se ultimamente tres vagas de carrasco. O cargo é alli tão apreciado que já se apresentaram oito candidatos.

Falleceu o actor Antonio Pedro. A morte do eminente artista é uma grande perda para a scena portugueza, onde elle deixa uma lacuna difficil de preencher.

Mais uma vez ficou adiado o julgamento dos figurões indigados de auctores do roubo da caixa filial do Banco de Portugal, no Porto.

E' uma infamia sem nome, mas que não deve causar espanto a ninguem. Pois se o roubo

foi taludo e bem taludo! Fosse por ahi algum desgraçado sem eira nem beira que lançasse a mão a um bocado de pão para matar a fome, a ver se já não estaria ha muito tempo nas costas de Africa...

Desenganemo-nos: o tempo vai de feição soberba para os grandes ladrões, para os grandes criminosos...

Parece que se projecta um bazar no jardim de Santo Antonio, para um dos proximos mezes, a beneficio da companhia dos bombeiros voluntarios.

Refere uma folha de Vigo que no Hotel Continental, d'aquella cidade, se estão preparando aposentos para alojar um membro da familia real portugueza que tenciona passar alli uma longa temporada.

Trabalham as metades...

Eis os preços porque correm no nesso mercado os seguintes generos:

Feijão branco (20 litros)...	900
Dito vermelho.....	640
Dito laranja.....	1\$100
Dito manteiga.....	670
Dito amarello.....	680
Milho branco.....	560
Dito amarello.....	540
Trigo.....	800
Ovos (cento).....	940
Azeite (10 litros).....	1\$800
Batatas (15 kilos).....	240

As leis do divorcio que regem as nações civilisadas differem muito pouco e são de todos conhecidas; porém nos outros paizes menos cultos não deixam de offerecer algum interesse.

No Indostão, por exemplo, a causa mais trivial é sufficiente para estabelecer o divorcio, podendo tornar a casar-se os esposos.

No Tibet só pôde ser requerido por ambos os esposos quando o desejem, mas não lhes é permitido contrahir novo matrimonio.

Na Cochinchina a cerimonia consiste em quebrar um espelho na presença de algumas testemunhas.

Os habitantes da Circassia teem duas classes de divorcio: o primeiro permite-lhes contrahir novo matrimonio seguidamente e o segundo obriga-os a deixar passar um anno antes de effectuar.

Algumas tribus de indios da America costumam presentear com uma vara a cada uma das testemunhas do seu matrimonio e basta quebrar estas varas para se considerarem divorciados.

Na Turcomania, se um marido, ao conceder licença a sua esposa para sahir á rua, não lhe diz que espera pelo seu regresso, a consorte julga-se legalmente divorciada.

Na Siberia a cerimonia do divorcio consiste em arrancar o véu ou chapéu que a mulher usa.

Em Sião permite-se o divorcio; porém a primeira esposa não pôde ser vendida como as outras, e tem o direito de levar consigo o seu filho mais velho, ficando os outros pertencendo ao marido.

Entre os mouros a mulher casada que não tiver filhos varões pôde ser repudiada por seu marido, que fica livre para contrahir novo matrimonio.

Os habitantes das regiões arcticas, quando querem divorciar-se, retiram-se enfiados de suas casas e, se durante alguns dias não regressam, a mulher abandona o lar domestico, considerando-se divorciada.

Segundo a lei da China, todo o caso de criminalidade, desgosto mutuo, zelos, incompatibilidade de caracteres e demasiada loquacidade por parte da mulher, são considerados motivos sufficientes para ser outhorgado o divorcio.

PUBLICAÇÕES

Agradecemos a remessa das seguintes:

— REVISTA POPULAR DE CONHECIMENTOS UTEIS.—Sumario do n.º 60:

O systema solar (V); Noções mathematicas (VI); Acção diuretica do assucar do leite; Estudo acerca do tratamento dos tumores fibrosos do utero pelas correntes continuas, segundo o methodo de Apostoli (IV); A exposição universal de Paris (III); Gymnasta alado; Conselho aos operarios (VII); Bibliographia; Papel madeira; Soldadura electrica; Um bom desinfectante; Lavagem da musselina e outros tecidos de algodão ou linho fino; Contador calorimetrico da electricidade; Congresso internacional para o estudo das questões relativas ao alcoolismo; Papel para matar moscas; Agua potavel; Nodões de gordura; Para verificar a salubridade de um aposento; Nova liga; Para reconhecer os polos de uma machina electrica; Novo tenifugo; Antiseptico inoffensivo; Novos carvões para as lampadas incandescentes; Dosagem da glicerina nos vinhos, cervejas e agua.

Redacção e administração, rua de Santo Antonio dos Capuchos, 51.

— MYSTERES DAS GALÉS, por Jules Boulabert.—Caderneta n.º 31. Editores, Belem & C.ª; Lisboa, rua do Marechal Saldanha, 26.

— A FILHA MALDITA, por Emile Richelbourg.—Caderneta n.º 6. Editores, Belem & C.ª

— O MUNDO ELEGANTE, mensageiro semanal illustrado de modas, elegancia e bom tom.—N.º 28, do 3.º anno. Correspondencia ao gerente Antonio de Souza, rue Condorcet, 72, Pariz.

CONHECIMENTOS UTEIS

O sabor do peixe

E' moeda corrente não consumirmos a carne dos animaes que morrem naturalmente. E este principio que todos abraçamos não é certamente filho de um preconceito vão, senão do conhecimento das leis physiologicas que a hygiene nos ministra. No caso mais favoravel, qual o de o animal morrer de inanición, ainda assim a sua musculatura adquire uma flacidez e molleza que lhe alteram as qualidades sapidas e nutritivas.

E' pois muito de estranhar que não procedamos igualmente a respeito do peixe, como aliás se pratica na Hollanda, onde os pescadores matam o pescado logo que elle sahe da agua. Com um instrumento cortante bem afiado fazem-lhe uma incisão longitudinal debaixo da cauda, matando-o quasi instantaneamente.

Não tem certamente cahido a reflexão n'este ponto dos nossos pescadores, que deixam morrer lentamente o pescado, tornando-o não só menos hygienico, como alimento, mas muito menos saboroso, pelo amolecimento que adquire, além de ficar muito mais sujeito a estragar-se em menos tempo.

Reflectam n'isto os emprezarios das pescarias, que grande beneficio colherão para si e farão a todos.

Horario dos comboys na estação de Aveiro

NORTE

Partida de manhã:—A's 4 horas; 5 horas e 30 minutos; e 8 horas e 26 minutos.

Partida de tarde:—A's 6 horas e 22 minutos; e 9 horas e 52 minutos.

SUL

Partida de manhã:—A's 11 horas e 21 minutos.

Partida de tarde:—A's 5 horas e 3 minutos; 5 horas e 32 minutos; e 9 horas e 23 minutos.

RECLAMES

BANDEIRAS

De pau e lança para janella a 200 réis a duzia.

SERIO VEIGA
SOPHIA — COIMBRA

Carreira para a Ponte da Rata

Fernando Homem Christo previne o publico de que estabelece desde hoje, na forma dos annos anteriores, uma carreira diaria de carros para a Ponte da Rata.

Aveiro, 20 de julho de 1882.

Callicida

O desejo de patentear os meus sentimentos de gratidão, obrigou-me a escrever o presente certificado para provar a efficacia do maravilhoso invento. Foi já sem esperança que eu resolvi comprar-o, porquanto, depois de haver feito mil experiencias com outros tantos preparados, nunca foi possivel obter um resultado tão brilhante como alcancei com o CALLICIDA.

S. C., R. das Escolas Geraes, 102-A, Lisboa — Carlos Joaquim Rodrigues.

Veja-se o annuncio respectivo.

ESPECTACULOS

PRAÇA DE TOUROS EM AVEIRO

Inauguração da presente epocha tauromachica

Nos dias 11 e 12 de agosto, por occasião dos grandes festejos da inauguração da estatua do grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, haverá duas esplendidas corridas de touros comprados expressamente para estas corridas ao acreditado lavrador o ex.º sr. Estevão de Oliveira, de Alcochete.

Tomam parte n'estas corridas o distincto cavalleiro-amador Manuel Casimiro e os bandarilheiros João da Cruz Calabaça, Filipe Aragon (El Minuto), Silvestre Calabaça e Antonio Amado (El Salerito), e bem assim um valente grupo de homens de forcado.

Abrilhanará estes espectaculos a phylarmonica Amisade.

Por occasião dos ditos festejos haverá comboys a preços reduzidos.

Podem tomar-se desde já lugares no estabelecimento do sr. Domingos José dos Santos Leite, rua do Caes n.º 6 e 7.

PREÇOS—Camarotes para uma corrida, 4\$000; idem para as duas corridas, 7\$000; plateia sombra, 600; plateia sol, 300; galeria, 300 réis.

ANNUNCIOS

PREVENÇÃO

MANUEL José Soares dos Reis, estabelecido com officina e estabelecimento de guarda-soes, candieiros e outros artigos, na rua dos Mercadores n.ºs 19, 21 e 23, d'esta cidade, avisa por este meio todas as pessoas que tenham em sua casa objectos para concertar, ha mais de 30 dias, a irem tomar conta d'elles, no prazo de 5 dias, a contar da data da segunda publicação d'este annuncio, na certeza de que, não o fazendo, o annunciante considerará esses objectos abandonados por seus donos e disporá d'elles como melhor lhe convier; e **mais declara que**, a contar do 1.º de agosto proximo futuro, serão igualmente considerados abandonados por seus donos, todos os objectos entregues d'aquella data em diante e demorados mais de 60 dias; e sendo guarda-soes para cobrir, o prazo será de 30 dias.

Os srs. freguezes podem exigir a entrega d'uma senha com a data da entrega e n.º do objecto.

Esta resolução do annunciante é motivada por alguns freguezes terem em sua casa objectos ha mais de dois annos, sem os procurarem e sem terem pago o respectivo concerto.

Aveiro, 22 de julho de 1882.

Manuel José Soares dos Reis.

AO PUBLICO

FRANCISCO ANTONIO D'ASSUNÇÃO

ILHIAVO

FAZ saber que tem para alugar uma brilhante, resplandecente e elegante illuminação, como se não encontra por estes sitios.

Tambem se encarrega do embelezamento de ruas, fornecendo igualmente a quem pretender bandeiras, galhardetes, trophéus, lanternas, etc., etc.

Preços sem competencia

EDIÇÃO MONUMENTAL

Historia da Revolução Portu- guezza de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 38 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o terceiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, succesores de CLAVEL & C.ª—119, rua do Almada, 123, Porto.

BELEM & C.ª

Empreza editora—Serões Roman- ticos—Cruz de Pau, Lisboa

MYSTERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance de JULES BOULABERT

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas côres

Brinde a todos os assignantes no fim da obra — UM ALBUM DE COIMBRA.

BRINDE EM OURO—100000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empreza fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; fo- lhas de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias e á custa da empreza.

Cada volume brochado 450 réis.

REGULAMENTO DA

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

APPROVADO POR DECRETO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1888

Com as respectivas tabellas

Emendado segundo os «Diarios do Governo» n.ºs 3, 5 e 8

PREÇO 100 RÉIS

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

CALLICIDA



PRIVILEGIO EXCLUSIVO

Extracção radical dos callos sem dôr, em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depositos—Lisboa, Gonçalves de Freitas, 229, rua da Prata, 231; Porto, J. M. Lopes, 10, Bomjardim, 12; Portalegre, ph. Lopes; Penafiel, ph. Villaga; Figueira da Foz, J. Lucas da Costa; Castello Branco, ph. Misericordia; Vizeu, Firmi- no A. da Costa; Vianna do Castello, ph. Almeida; Elvas, ph. Nobre; Faro, ph. Chaves; Santarem, Silva, cabelleiroiro, rua Direita; Lamego, João de Almeida Brandão; Villa Real, Dyonisio Teixeira; Coimbra, viuva Areosa; Guimarães, drogaria Neves; Leiria, Antonio Ritto dos Santos; Setubal, ph. Vidal; Guarda, Cos- ta Projecta; Gavião, ph. Forte; Belem, ph. Franco, Filhos; Estremoz, ph. Fran- co; Abrantes, ph. Motta; Povoia de Var- zim, José Avelino F. Costa; Mattosinhos, ph. Faria; Leça da Palmeira, Araujo & Fonseca; Odemira, ph. Barboza; Canta- nhede, ph. Liberal; Mira, ph. Silva; Fun- dão, ph. Cabral; Amarante, Rebello & Carvalho; Fafe, Silva Guimarães; Celori- co da Beira, ph. Salvador; Colorico de Basto, Pereira Bahia; Nellas, ph. Cor- reia; Villa do Conde, ph. Alvão; Família- ção, ph. Loureiro; Aguada, ph. Oliveira; Niza, ph. Almeida; Crato, ph. da Miseri- cordia; Marco de Canavezes, ph. Miran- da; Mirandella, José Alves da Silva; Sar- doal, ph. Cardoso; Santa Comba-Dão, ph. da Misericordia; Moimenta da Serra, Ra- phael Cardona; Castendo, José B. de Al- meida; Cabeçudo, Castro Macedo; Man- teigas, ph. Fonseca; Alter do Chão, Man- cio Serrão; Campo-Maior, Meiras, Ir- mãos; Mangualde, ph. Feliz; Coruche, ph. Mendes; Loulé, Barbosa Formozin- ho; Santo André de Poiares, ph. Lima; Lourinhã, ph. Gama; Souzel, ph. Cardo- so; Alvaizere, ph. Santa Clara; Chaves, ph. Ferreira & C.ª; Villa Pouca de Aguiar, ph. Chaves; Miranda do Douro, J. A. Pi- res; Cabeção, Marques Serrão; Cintra, ph. da Misericordia; Cartaxo, Adelino Coelho; Tortozendo, ph. Central; Sabu- gal, ph. Carvalho; Braga, Joaquim Anto- nio Pereira de Lemos; Villa Real de San- to Antonio, Gavino R. Peres; Tavira, ph. do Monte Pio; Olhão, Modesto R. Gar- cia; Fuzeta, Francisco R. de Passos; S. Braz, J. M. Casaca; Albufeira, João J. Paulo; S. Bartholomeu, J. C. Guerreiro; Silves, João Lopes dos Reis; Lagoa, Do- mingos Faria; Portimão, P. Faria Rodri- gues; Monchique, J. C. Guerreiro; Algoz, A. M. Mascarenhas; Alte, C. A. Cavaco; Figueiró dos Vinhos, Fernandes Lopes; Ribeira de Pena, Pedro de Souza; Avei- ro, ph. Luz & Filho.

AFRICA—Loanda, José Marques Diogo. BRAZIL—Rio de Janeiro, Silva Go- mes & C.ª; Pernambuco, Domingos A. Matheus; Bahia, F. de Assis e Souza; Maranhão, Jorge & Santos. Ha um só deposito em cada terra para evitar falsificações. Pedidos ao auctor—Antonio Franco —Covilhã.

EDITORES — BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa

A FILHA MALDITA

POR

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: A Mulher Fatal, A Martyr e outros

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

BRINDE a todos os assignantes: Vista geral da Avenida da Liberdade, em chromo, medindo 57 centimetros por 80 — VALOR 500 RÉIS. 3 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura, — Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 RÉIS. Assigna-se no escriptorio da empreza e nas principaes livrarias.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na RUA DO ARSE- NAL, 56 A 64, LISBOA, e filial no PORTO, FEIRA DE S. BENTO, 33 A 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portuguezza e hespanhola.

SATISFAZ todos os pedidos, na volta do correio, em carta re- gistrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos de- vem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

ENVIA em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'es- tas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos parti- culares.

OS COMMERCIAENTES que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' NEGOCIO EM QUE HA TUDO A GANHAR E NADA A PERDER!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maio- res de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas lote- rias de Madrid, teem de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista ANTONIO IGNACIO DA FONSECA promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

Officio de defunctos,

Com a Missa dos Anjos, e as Anti- phonas e Responsorios que se cantam na cidade do Porto.— (Com o respectivo Cantochão).

Sexta edição, revista e emendada pelo presbytero J. C. M. P.

UM vol. brochado, 500 réis; encader- nado, 700 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importan- cia em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

O Recreio

Revista semanal litteraria e charadistica

Está em publicação a 7.ª série, for- mando cada série um grosso volume completamente independente.

Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis.

Provincias: cada trimestre (13 nume- ros), 300 réis. Semestre (26 numeros), 580 réis. Para a provincia o pagamento é adeantado.

Toda a correspondencia deve ser di- rigida ao editor João Romano Torres, rua Nova de S. Mamede 26—Lisboa.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer— O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmona- res.

Extracto composto de salsapar- rilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura ra- dical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e bi- liosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concen- trados de maneira que sahem ba- ratos porque um vidro dura mui- to tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, intei- ramente vegetal.



VIGOR DO CABEL- LO DE AYER — Impede que o ca- bello se torne branco e restaura ao cabelo grisal- lho a sua vitali- dade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metais, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

E' esta a melhor resposta que podemos dar áquelles compe- tidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da SÓLI- DA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas ma- chinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79

A VEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL



PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA Pará, Maranhão, Ceará, Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul

Passagens a 9000 RÉIS para o Rio de Janeiro e Minas Geraes

Dão-se passagens GRATUITAS a familias completas de trabalhadores de campo, que queiram ir para diferentes provincias do BRAZIL, indo completa- mente livres. Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com MANUEL JOSÉ SOARES DOS REIS.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qua- lidades, concertam-se e cobrem-se com se- das nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos